

O caminho da recuperação

Com os resultados do primeiro semestre de 2009, o setor de celulose e papel já consegue fazer um diagnóstico dos efeitos da crise financeira internacional e voltar a planejar o futuro. De janeiro a junho de 2009, a produção de celulose teve queda de 0,3%, em relação ao mesmo período do ano passado, enquanto o volume das exportações cresceu 18%. No segmento de papel foi registrada retração da produção de 3,9%, e as exportações recuaram 7,4% nos primeiros seis meses de 2009 ante o primeiro semestre de 2008.

Esses números refletem alguns dos efeitos da crise financeira internacional. Por exemplo, as paradas e o fechamento de empresas na Escandinávia e, também, a demanda chinesa de celulose de melhor qualidade influenciaram as exportações da fibra curta brasileira. Já a retração do consumo mundial, incluindo o Brasil, teve impacto nos diversos produtos do segmento de papel. Porém, os resultados do segundo trimestre de 2009, em relação ao primeiro trimestre, já dão sinais de melhoria do mercado e a expectativa, a partir de agora, é que essa tendência se mantenha.

Porém, outro importante índice que deve ser considerado é a queda da receita de exportação das empresas, principal impacto da conjuntura mundial: retração de 17,1% no segmento de celulose – reflexo do baixo preço da *commodity* – e de redução de 18,4% no segmento de papel. Esses números orientarão as estratégias das empresas para o segundo semestre, visando à recuperação de perdas, uma vez que, historicamente, a economia mundial é mais ativa a partir de julho. O mercado deve – e precisa – crescer, e as empresas estão preparadas para atender às demandas.

Em termos mundiais, o setor estabeleceu uma meta a ser seguida no segundo semestre: manter a quarta posição como produtor mundial de celulose e a 12ª colocação como produtor mundial de papel. Para isso, o objetivo é alcançar a mesma produção de 2008: 12,7 milhões de toneladas de celulose e 9,4 milhões de toneladas de papel. Há vários fatores

a favor dessas metas, entre eles, como já assinalado acima, muitas empresas obsoletas em todo o mundo, com alto custo de produção, fecharam ou fecharão definitivamente suas portas, gerando novas oportunidades de fornecimento dos produtos brasileiros. Além disso, os investimentos do setor em tecnologia, nos últimos anos, garantiram a produtividade e a qualidade dos produtos brasileiros, diferenciais de mercado já reconhecidos internacionalmente.

Sem dúvida, esses fatores criam condições para o Brasil disputar mercado com seus principais concorrentes. Mas, no pós-crise, esses atributos não serão suficientes: cada dólar envolvido na negociação fará a diferença na base de custos e no fechamento de um contrato. Por isso, será preciso ir além dos atuais diferenciais, o que significa que o esforço para a conquista de mercados não deverá ser apenas das empresas: o governo federal terá papel decisivo para que a competitividade do setor não só se mantenha, mas cresça nos próximos anos.

A oportunidade do Brasil nesse cenário envolverá questões nacionais como modernização das políticas industriais e das relações trabalhistas, medidas para regulamentação fundiária e expressivos investimentos em infraestrutura e logística, entre outros importantes temas. Para que as empresas também tenham isonomia em relação à concorrência, será fundamental a desoneração dos investimentos e das exportações, hoje da ordem de 17%, e mudanças de ordem fiscal. Isso não significa que o Brasil tenha de adotar medidas protecionistas. No entanto, será fundamental estabelecer medidas para que a indústria nacional – e não apenas o setor de celulose e papel – possa conquistar novos mercados, gerando renda para o País, o setor produtivo e a população.

Desde o início da crise, a Bracelpa e as empresas associadas negociam com o governo federal as principais demandas para manter suas atividades. São nove meses de reuniões e apresentações de propostas e prioridades, inclusive com a participação da Bracelpa no Grupo de Acompanhamento da Crise, criado pelo



DIVULGAÇÃO BRACELPA

Por Elizabeth de Carvalhaes,
presidente executiva da Associação
Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa)
E-mail: faleconosco@bracelpa.org.br

Ministério da Fazenda, com representantes dos principais setores produtivos.

Porém, por mais que as autoridades demonstrem interesse em promover o setor, há poucos resultados efetivos. Isso levou as empresas a enfrentarem todo esse período de turbulência sem apoio do setor público. As pautas do setor continuam em negociação. No caso da celulose, as empresas ainda esperam a ampliação das linhas de crédito para as operações de pré-embarque da celulose e oferta de seguro de crédito às exportações, uma vez que os financiamentos internacionais para essa operação continuam escassos. Em relação ao papel, encabeçam a lista de prioridades a ampliação dos programas governamentais para aquisição de livros didáticos e a inclusão da distribuição de cadernos aos estudantes, além da publicação da instrução normativa que regulamenta a Lei nº 11.945/09, que trata do uso do papel imune.

Sectores do governo têm anunciado que o pior da crise já passou e alguns indicadores mostram sinais de recuperação da economia, mas é preciso ter consciência de que esse movimento terá de ser contínuo e crescente, e com um olhar atento à reordenação dos mercados globais, para que o setor e toda a economia brasileira, de fato, avancem nos próximos anos. 